

A BUSCA DA ESCUTA

THE SEARCH OF LISTENING

Arlete Taboada¹

Éramos todos jovens, ela, professora; nós, alunos. Formávamos um grupo ávido por aprender, afinal, estávamos na idade da descoberta, quando prazerosamente discutimos a vida para mudar o mundo. E ela, também prazerosamente, ensinava. Socializava conhecimentos e ia à busca na prática, daquilo que teorizava em sala de aula, desenvolvendo o que havia decidido para sua vida e o que se transformaria nela característica principal percebida por milhares de jovens que passaram por sua vida: ser uma boa professora, ou melhor, uma ótima professora. Mas não ensinava como a maioria dos professores. Não só uma vez, ocupávamos a casa onde funcionava um dos diretórios de estudantes e interpretávamos, do lado de dentro da janela, para os que se encontravam do lado de fora, cenas das telenovelas da TV Globo e letras de música para aprender com ela o conceito de obra aberta de Umberto Eco, debatendo e apresentando os resultados a que chegávamos. E depois íamos beber cerveja, discutir a vida, a música, o jornalismo, a cidade. Nenhum de nós era daquela cidade. Apenas a ocupávamos para construir a história. A nossa história.

Separamo-nos mais tarde para nos reencontrarmos na academia. Eu entrando a convite dela. Foi um privilégio retomar o contato com a mestra e participar, às vezes diretamente, outras nem tanto, da pesquisa a que se voltara e transformara em sua grande paixão – o rádio. Mestra que se tornaria doutora no coroamento do percurso pelos pensamentos de tantos pesquisadores, em uma

1 Mestre em Comunicação e Semiótica e especialista em Comunicação Jornalística, Educação e Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pesquisa concluída em rádio.

jornada que a colocaria lado a lado na busca pelo entendimento do que é a oralidade antes conceituada por Paul Zumthor.

A sementinha fora plantada na década de 80 quando, juntas, trabalhamos pela primeira vez em uma rádio. Nosso reencontro se daria nos anos 2000 no curso de rádio. A pesquisa de Cármen nascera porque ela acreditava que o rádio poderia, sim, ser muito além de mídia disseminadora - também de expressão na exploração de seus constituintes, conforme tão bem registrou Armand Balsebre. E assim intensificou sua pesquisa gerando inúmeros modelos sonoros, implementados nas universidades que trabalhou e principalmente na Radioweb da Universidade São Judas, onde pudemos experimentar, ousar e construir, junto com alunos, um dos acervos mais criativos que uma emissora universitária pode produzir.

Parte de seu percurso está nesta compilação de textos que traduz o pensamento de quem passou os últimos anos de vida pesquisando o áudio. Já no primeiro capítulo, ao trazer a distinção de conteúdo entre os cursos de Jornalismo, de Publicidade e de Rádio, Televisão e Internet, e esclarecer que o foco principal deste último é a vinculação das estruturas textuais à natureza das respectivas mídias, a autora já projeta uma rara discussão feita no Brasil: falar de rádio não é só falar de radiojornalismo ou contar a história do rádio. Até porque ela já foi e continua sendo contada. A autora considera os novos e recentes recursos tecnológicos que se integraram ao contexto radiofônico, fomentando e estimulando o interesse em se conhecer como o rádio está sendo feito hoje e as transformações ocorridas neste novo *fazer rádio*.

Em capítulos abrangentes aborda cada aspecto do atual universo radiofônico e sua transformação pela inserção de outros sistemas de linguagem naquele que contava apenas com o som. Para isso, analisa reflexões de vários pensadores, tendo como ponto de partida Marshall McLuhan, sobre a convivência entre mídias e

a relação entre o surgimento de uma com outras já consumadas, e Yuri Lotman, que traz os fundamentos da dinâmica de movimento dos textos culturais entre fronteiras de línguas e sistemas diversos.

E é a partir daí que repensa a oralidade, o áudio e o rejuvenescido rádio: sua outra temporalidade, a espacialização dos sistemas de linguagem que dispõe e disponibiliza simultaneamente os programas organizados em mosaico, substituindo a sequência de escuta que havia no rádio tradicional; a diversidade da programação musical que se desamarra da composta por “só sucessos” para atender a um ouvinte, agora ouvinte internauta, que tem a autonomia, ainda que limitada, de ouvir o quê, quantas vezes e onde quiser; as exigências acrescidas ao perfil do radialista contemporâneo, seja ele produtor ou programador; o documentário radiofônico e as diferenças, de estrutura e produção, da reportagem jornalística; a transcodificação do código verbal escrito para a oralidade resultando na poesia sonora; a música transformada em trilha; enfim... tudo isso transformado em uma leitura para estimular em cada leitor outro jeito de escuta – essa foi a busca da autora.

Em tempos de diversidade comunicacional, Cármen dizia “é preciso entender o áudio porque o rádio chegou antes”. Não explicava a frase e nem era preciso porque alguns já sabem a gravidade de não conhecermos nosso passado para explicar o presente e atuar no futuro.